



BOLETIM DE COMÉRCIO EXTERIOR DA BAHIA NOVEMBRO 2025

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Novembro 2025, 3

Importações, 7

Apêndice A – Novembro 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Balança – Brasil X Bahia
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela V – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de Janeiro a Novembro 2025

- Tabela I – Balança comercial – Brasil
- Tabela II – Balança comercial – Bahia
- Tabela III – Exportações brasileiras – Principais estados
- Tabela IV – Exportações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela V – Exportações baianas – Principais municípios
- Tabela VI – Exportações baianas – Principais segmentos
- Tabela VII – Exportações baianas – Principais produtos
- Tabela VIII – Exportações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela IX – Exportações baianas – Principais países por produtos exportados
- Tabela X – Importações brasileiras – Principais estados
- Tabela XI – Importações brasileiras – Nordeste por estados
- Tabela XII – Importações baianas – Principais municípios
- Tabela XIII – Importações baianas – Categorias de uso
- Tabela XIV – Importações baianas – Principais produtos
- Tabela XV – Importações baianas – Principais países e blocos econômicos
- Tabela XVI – Importações baianas – Principais países por produtos importados



Governo do Estado da Bahia

Jerônimo Rodrigues

Secretaria do Planejamento

Cláudio Ramos Peixoto

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

José Acácio Ferreira

Diretoria de Indicadores e Estatística

Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica

Arthur Souza Cruz Junior

Kailan Matos Pereira (estagiário)

Coordenação de Disseminação de Informações

Marília Reis

Editoria-Geral

Elisabete Cristina Teixeira Barretto Guanais

Coordenação de Produção Editorial

Editoria de Arte

Projeto Gráfico

Ludmila Nagamatsu

Revisão Ortográfica

2Designers

Editoração

Alderlan Oliveira

Mesmo com a redução parcial do tarifaço imposto às exportações pelos Estados Unidos e ainda sob o efeito de preços mais baixos de *commodities* importantes na pauta estadual, as exportações da Bahia registraram queda de 18,7% em novembro, no comparativo interanual, alcançando US\$ 839,5 milhões.¹ O volume embarcado também pesou no desempenho negativo, com queda de 23,7% na mesma comparação, resultado das incertezas na economia mundial causadas pela política comercial americana e a guerra comercial com a China, o que tem levado os agentes econômicos a reduzirem investimentos e consumo.

No ano, as exportações baianas atingiram US\$10,51 bilhões (-3,9%), e as importações US\$ 8,70 bilhões (-13,6%). O saldo no período foi positivo em US\$ 1,81 bilhão (+108,6%) e a corrente de comércio chegou a US\$ 19,22 bilhões, com queda de 8,5%, todos comparados a igual período de 2024.

O desempenho das vendas externas baianas no ano esteve condicionado à evolução da demanda global e ao comportamento recorde da safra agrícola, em um ambiente de exportações menos disseminadas, fruto do aumento das incertezas no cenário econômico externo.

Em novembro, todos os setores tiveram redução de vendas. O setor agropecuário teve a menor queda (-11,8%), seguido pela indústria de transformação (-22%) e pela indústria extrativa, com baixa de 42,7%.

As vendas para a China continuaram na liderança em novembro – US\$ 296,6 milhões –, mas apresentaram redução de 11,6%no comparativo interanual. O Canadá continua surpreendendo e ocupou a segunda posição, com vendas de US\$ 125,6 milhões, 46,6% acima de igual mês de 2024, com destaque para as compras de ouro, minério de níquel, ferroligas, derivados de cacau e pneus. As vendas aos Unidos tiveram queda pelo terceiro mês consecutivo (-32,1%). No ano, até novembro, a redução é de 6,1%.

A queda nas vendas externas aos norte-americanos, em novembro, porém, já foi menor do que a observada em outubro deste ano, quando as exportações baianas despencaram 60,5% (comparação com o mesmo mês de 2024).

A redução nas vendas aos EUA aconteceu em um mês no qual o país retirou parte do tarifaço imposto ao Brasil. O anúncio, porém, foi feito somente no dia 20 do mês passado, quando foi retirada a sobretaxa de 50% às vendas de café, derivados de cacau, frutas e outros produtos exportados pela Bahia ao país. Foram duas decisões do governo americano: a primeira delas, no dia 14/11, retirou a tarifa recíproca de 10%, imposta em abril, para cerca de 200 produtos alimentícios de diversos países; a segunda, em 20/11, foi direcionada ao Brasil, e suspendeu a sobretaxa de 40%, anunciada em julho, para mais de 200 produtos, que foram acrescentados à lista anterior de quase 700 exceções ao tarifaço.

Tabela 1 – Balança comercial – Bahia
Jan.-nov. 2024/Jan.-nov. 2025
(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	10.938.932	10.512.794	-3,90
Importações	10.071.481	8.703.542	-13,58
Saldo	867.451	1.809.252	108,57
Corrente de comércio	21.010.412	19.216.336	-8,54

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 4 dez. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A China conseguiu uma proeza ao ultrapassar, pela primeira vez, e em apenas 11 meses, US\$ 1 trilhão de saldo comercial, em meio a uma guerra tarifária com a maior economia do mundo, os Estados Unidos. O trunfo chinês leva em conta as experiências com o protecionismo americano no primeiro mandato de Donald Trump e combina várias receitas prosaicas. Uma delas, ainda importante, é a continuidade da triangulação de suas mercadorias pelos países do Sudeste Asiático, que pagam bem menos impostos de importação que a China (19% contra 47%). Diante de turbulências, o yuan apegou-se mais uma vez ao dólar, acompanhando a desvalorização de 10% da moeda americana em relação a uma cesta de moedas, beneficiando-se especialmente dela para exportar muito mais para a União Europeia, por exemplo. Os vultosos investimentos produtivos chineses ao redor do mundo alavancaram suas vendas, assim como os financiamentos a projetos dos quais participa em dezenas de países.

A situação seria bem diferente caso o comércio global tivesse sido gravemente afetado pela guerra comercial de Trump. No curto prazo, pelo menos, não aconteceu a catástrofe prevista. As transações de bens e serviços

1 Dados provisórios, sujeitos a revisão.

entre países avançaram ao redor de 3%, algo muito distinto da paralisia ou do crescimento raquítico de 0,5% previsto sob o choque inicial das medidas tomadas pelos EUA. Além disso, o próprio Trump foi calibrando a magnitude da taxa, de forma que a tarifa média efetiva, que chegou a atingir 18,5%, hoje está ao redor de 12%.

A tarifa sobre produtos chineses continuou muito alta, mas a de seus principais parceiros comerciais no Sudeste Asiático, para onde deslocou seus investimentos há poucos anos, é menor. Para abastecer a região de manufaturados e de insumos para sua produção, a China exportou para a região US\$ 245,2 bilhões, o dobro de cinco anos atrás e 8,2% mais no ano até novembro. As exportações diretas para os EUA caíram 29,0%. Mesmo sob tarifas punitivas do país, houve superávit de US\$ 25 bilhões em outubro. Por outro lado, as vendas externas dos países asiáticos, excluindo China, para os EUA deram um salto de 27,7% até outubro. Enquanto os EUA foram o maior mercado para o Vietnã, a China foi o principal fornecedor de importações vietnamitas.

A desvalorização do yuan permitiu que as exportações da China para a União Europeia disparassem, atingindo US\$ 266 bilhões no ano até novembro, com alta de 15%. As exportações para a América Latina lhe renderam 7,1% mais divisas, ou US\$ 276,1 bilhões. Vendas para a África, continente no qual Pequim tem investido pesadamente, subiram 27%.

A outra face do aumento do superávit comercial foi o baixo crescimento das importações, de 1,9%, ante 5,9% das exportações (dados de outubro). Os enormes saldos comerciais, parcialmente prejudicados pelas ações de Trump, pressionam pela valorização do yuan. Mas, em meio a mais uma tentativa de redirecionar os motores da economia, o governo chinês tem interesse em uma valorização controlada, que torne as importações mais baratas para estimular o consumo. Os bancos estatais chineses agiram comprando dólares para evitar a apreciação cambial. O consumo se retraiu desde o estouro da bolha imobiliária, que ainda produz consequências.

As vendas externas dão grande impulso às atividades econômicas e escoam o excesso de capacidade existente em vários setores da indústria, enquanto o mercado doméstico tem consumo retraído, os preços ao produtor caem sem parar e o país enfrenta deflação. O índice de preços ao consumidor subiu 0,1% em outubro e caiu 0,3% em 12 meses.

A taxa de juros foi reduzida e a política fiscal despejou quase US\$ 1,5 trilhão em títulos, em especial para os governos regionais, parte deles destinada à compra de estoques de imóveis inacabados. Pequim tem cumprido as metas de crescimento de 5% (2025), mas, com os sinais de desequilíbrio com o qual a economia convive, isso não está assegurado. O excepcional desempenho comercial do país, mesmo diante de ameaças estratégicas vindas dos EUA, lhe dá recursos e tempo para tentar uma reorientação econômica que até hoje esteve mais presente na retórica dos dirigentes chineses do que nos fatos.

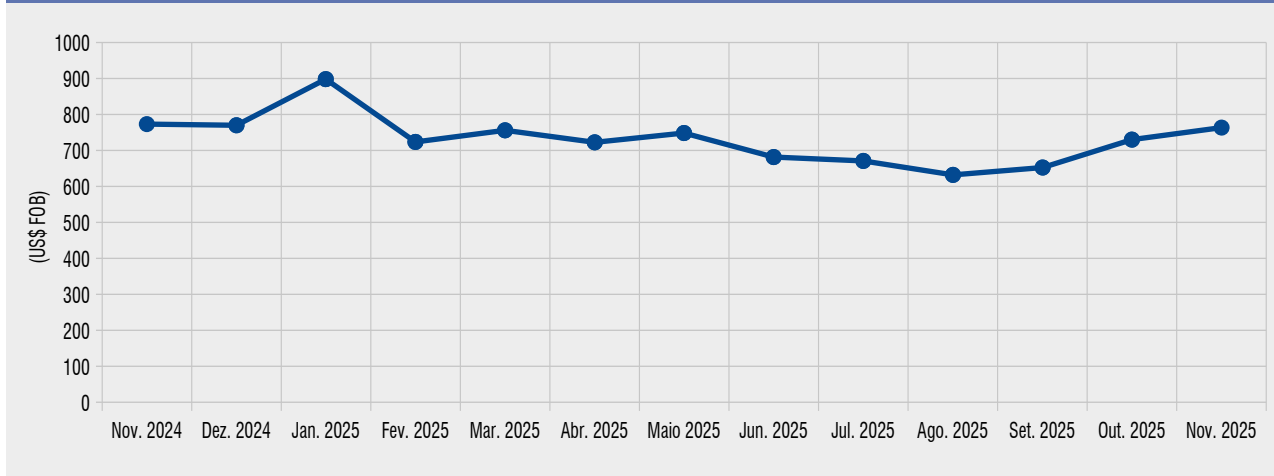
O superávit de US\$ 111,68 bilhões da China em novembro foi o terceiro maior em um único mês. O superávit total nos primeiros 11 meses do ano está 21,7% acima do mesmo período do ano passado.

A China agora vende mais do que o dobro para a União Europeia, do que compra. O superávit chinês com a região aumentou consideravelmente este ano.

Um dos principais motivos é que a moeda chinesa tem estado fraca nos últimos anos em relação a várias outras moedas, especialmente o euro. Outro motivo é que os preços vêm caindo na China, enquanto sobem nos Estados Unidos e na Europa.

“Com o renminbi desvalorizado em 30% em relação ao euro, possivelmente mais, será extremamente difícil, senão impossível, competir com os fabricantes chineses, mesmo que a Europa faça tudo certo em termos de desregulamentação, redução de preços de energia e estabelecimento de um mercado verdadeiramente unificado, disse Jens Eskelund, presidente da Câmara de Comércio da União Europeia na China.

Gráfico 1 – Evolução do preço médio mensal das exportações baianas – Nov. 2024-Nov. 2025



Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 7 dez. 2025.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

Os preços médios dos produtos embarcados pelo estado em novembro oscilaram positivamente em relação a outubro, em 4,5%, ficando porém abaixo dos preços médios do mesmo mês de 2024, com recuo de 1,3%.

A valorização do real frente ao dólar, o tarifaço, a redução dos preços médios de embarque e o aumento de custos de produção, pressionados por salários e serviços, vêm tirando a margem de lucro dos exportadores de forma generalizada, atingindo indústria, setores extrativos e a agropecuária. A rentabilidade da exportação no acumulado do ano ainda registra ganho de 0,9%, mas em desaceleração acentuada. A perspectiva é de que, até o final do ano, a variação acumulada mude de sinal e encerre 2025 com perda perto de 1%, contra 2024.

O setor de soja e derivados, em função da expansão da safra, teve aumento nas suas exportações no ano em 3,4% no volume, e queda de 5,8% no valor, em função de problemas conjunturais.

O cenário geopolítico da comercialização da oleaginosa começa a voltar à normalidade, após um período de

tensões com a guerra comercial entre EUA e China, que beneficiou momentaneamente as vendas brasileiras de soja para o mercado chinês, ainda que haja dúvidas sobre o que realmente vai acontecer.

O acordo entre EUA e China previa embarque de 12 milhões de toneladas de soja americana para a China até o fim do ano. Isso não vai se concretizar. E o volume de 25 milhões de toneladas por ano, nos próximos três anos, que o acordo também prevê, está totalmente dentro da normalidade do que os Estados Unidos costumam exportar para a China, ao passo que a China deve aumentar o consumo.

Se não houver rompimento desse acordo, a tendência é que o mercado vai retornar para a normalidade. Ainda assim, é possível que haja problemas em suprir a demanda do mercado chinês, o que irá favorecer a soja brasileira.

De janeiro a novembro de 2025, a China foi o destino de 67,4% das exportações baianas de soja e derivados; no ano passado, a fatia chinesa nesse mesmo intervalo havia sido de 61,2%.

Tabela 2 – Exportações baianas – Principais segmentos – Jan.-nov. 2024/Jan.-nov. 2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e Derivados	6.411.772	6.630.073	3,40	2.796.735	2.633.035	-5,85	25,05	-8,95
Petróleo e Derivados	3.665.126	3.394.786	-7,38	2.134.854	1.672.386	-21,66	15,91	-15,42
Papel e Celulose	2.762.091	2.850.264	3,19	1.384.019	1.234.403	-10,81	11,74	-13,57
Metais Preciosos	692	578	-16,36	683.967	966.387	41,29	9,19	68,92
Algodão e seus Subprodutos	435.813	505.511	15,99	792.130	807.555	1,95	7,68	-12,11
Químicos e Petroquímicos	564.214	507.295	-10,09	805.280	628.068	-22,01	5,97	-13,26
Minerais	551.130	902.229	63,71	619.524	591.836	-4,47	5,63	-41,64
Cacau e Derivados	42.150	42.672	1,24	400.409	509.539	27,25	4,85	25,70
Café e especiarias	80.388	77.336	-3,80	284.670	450.473	58,24	4,29	64,49
Frutas e suas Preparações	164.790	196.257	19,10	240.501	234.533	-2,48	2,23	-18,12
Metalúrgicos	140.592	164.671	17,13	211.732	203.183	-4,04	1,93	-18,07
Borracha e suas Obras	29.325	27.034	-7,81	168.164	152.926	-9,06	1,45	-1,35
Sisal e Derivados	48.058	55.891	16,30	59.900	73.775	23,16	0,70	5,90
Calçados e suas Partes	2.178	2.195	0,81	79.682	68.549	-13,97	0,65	-14,66
Couros e Peles	18.735	32.957	75,91	46.814	47.706	1,91	0,45	-42,07
Carne e Miudezas Comestíveis	8.806	9.878	12,17	31.217	41.260	32,17	0,39	17,83
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	5.430	2.098	-61,37	55.795	29.262	-47,55	0,28	35,77
Fumo e Derivados	1.052	958	-8,87	25.449	25.801	1,39	0,25	11,25
Milho e Derivados	105.390	92.833	-11,91	21.752	19.853	-8,73	0,19	3,62
Demais Segmentos	110.759	113.267	2,26	96.340	122.264	26,91	1,16	24,10
Total	15.148.491	15.608.782	3,04	10.938.932	10.512.794	-3,90	100,00	-6,73

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 4 dez. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

As exportações de derivados de petróleo tiveram queda de 7,4% em volume e de 21,7% em valor no ano, até novembro, resultado da queda de preço do petróleo no mercado internacional. O mercado global de petróleo atravessa um novo ciclo de excesso de oferta, que deve ter efeitos duradouros nas cotações internacionais do produto.

Já o setor de papel e celulose teve aumento nos embarques até novembro em 3,2%, graças ao crescimento do quantum no mês de novembro que chegou a um aumento de 49%, mas ainda não foi o suficiente para as receitas ficarem no azul no ano. No acumulado até novembro, elas encolheram 10,8%, muito por conta da desvalorização nos preços, que atingiu -13,6% no comparativo interanual.

Os metais preciosos ocuparam a quarta posição entre os maiores setores da pauta de exportação baiana em 2025, com vendas de US\$ 966,4 milhões, 41,3% acima de

igual período do ano anterior. Isso se deve ao aumento dos preços do ouro. O metal ultrapassou os US\$ 4.000 por onça pela primeira vez em outubro, estendendo uma alta que elevou os preços em quase 70% no comparativo interanual até novembro.

Investidores institucionais, bancos centrais e indivíduos têm adquirido o ativo de “porto seguro”, alimentando uma tendência de alta nos preços que normalmente sinaliza incerteza econômica.

Já o algodão registrou aumento nos embarques em 16%, não compensados integralmente pela receita que só cresceu 1,9%, também fruto da desvalorização porque passam as *commodities*.

As importações somaram US\$ 630,2 milhões – menor valor do ano, com queda de 20%. As compras de combustíveis permanecem em queda acentuada (-41,2%), contribuindo negativamente, pelo terceiro mês consecutivo, para o desempenho geral do mês. No ano, a redução alcança 42,5%, comparada a igual período do ano anterior.

Os bens intermediários também acusaram recuo em novembro de 25,1%, refletindo o baixo crescimento da produção industrial do estado, que cresceu apenas 1,0% no ano até setembro. As compras de bens de capital também caíram 12,8%, não repetindo o crescimento registrado no mês de outubro. Já as de bens de consumo continuam batendo recordes de crescimento, 534,6% no mês passado, impulsionadas principalmente pela importação de veículos, mas também de frutas, calçados e bacalhau, dentre os mais importantes.

No acumulado até novembro, o cenário se repete com as importações em menor ritmo, com recuo de 13,6% no comparativo interanual, exclusivamente pela redução nas compras de combustíveis (-42,5%). As compras de bens intermediários (insumos e matérias-primas) acusam estabilidade (+0,78%). Já os bens de consumo avançaram 170,3%, e os bens de capital (máquinas e equipamentos) 61,9%.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-nov. 2024/Jan.-nov. 2025 (Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	4.892.068	4.930.335	0,78	56,65
Combustíveis e lubrificantes	4.574.910	2.631.621	-42,48	30,24
Bens de capital (BK)	457.033	740.014	61,92	8,50
Bens de consumo (BC)	146.559	396.163	170,31	4,55
Bens não especificados anteriormente	911	5.410	493,60	0,06
Total	10.071.481	8.703.542	-13,58	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 4 dez. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

Os EUA foram ultrapassados pela China como principal país fornecedor do estado, em novembro. As compras ao país asiático somaram US\$ 163,8 milhões no mês passado, com crescimento de 30,8% e participação de 26%. No ano, os EUA ainda permanecem na liderança com desembolsos de US\$ 2,5 bilhões, o correspondente a 28,7% das importações estaduais em 2025. A China vem em seguida com crescimento de 62,6% (US\$ 1,48 bilhão) e participação de 17%.

As importações somaram US\$ 770,9 milhões em outubro, com queda de 19,3%. As menores compras de combustíveis (-58,8%) ditaram o desempenho no mês, repetindo o comportamento de setembro. Os bens intermediários mantiveram crescimento pequeno de 3,5%, acompanhando o ritmo da produção industrial. As compras de bens de capital cresceram 102,7% e as de consumo 186,3%, impulsionadas pela importação de veículos, máquinas e equipamentos, produtos químicos e de produtos eletrônicos.

No acumulado até outubro, o cenário se repete com as importações em menor ritmo, com recuo de 13% no comparativo interanual, principalmente de combustíveis. As compras de bens intermediários (insumos e matérias-primas) acusam avanço modesto de 2,7%, alcançando US\$ 4,7 bilhões. Mas, ainda assim, estamos importando um nível robusto ainda, de US\$ 467,5 milhões mensais, o que é um patamar razoável para um setor que enfrenta diversos desafios e dificuldades.

Tabela 4 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-out. 2024/Jan.-out. 2025 (Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	4.551.667	4.675.735	2,73	57,91
Combustíveis e lubrificantes	4.200.886	2.411.642	-42,59	29,87
Bens de capital (BK)	399.776	689.998	72,60	8,55
Bens de consumo (BC)	130.001	291.079	123,90	3,61
Bens não especificados anteriormente	911	5.258	477,00	0,07
Total	9.283.241	8.073.712	-13,03	100,00

Fonte: MDIC/Secex, dados coletados em 6 nov. 2025, <http://comexstat.mdic.gov.br>.
Elaboração: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI)
Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

As compras externas seguem com os EUA na liderança com 29% de participação, mas com queda de 9,3% quando comparado ao mesmo período de 2024. A destacar as vendas da China, que já se posiciona como segundo maior país fornecedor ao estado em 2025, com desembolsos de US\$ 1,3 bilhão, 67,7% superior no comparativo interanual (células fotovoltaicas, veículos, fertilizantes e máquinas e equipamentos). As compras com origem da Rússia caíram 49,2% no ano contra igual período de 2024, com menores desembarques de diesel e nafta. Já para os fertilizantes, o país segue como principal fornecedor ao estado, com desembolsos no ano de US\$ 220 milhões e crescimento de 18% no comparativo interanual.

